

Todo cuidado é pouco, mesmo!

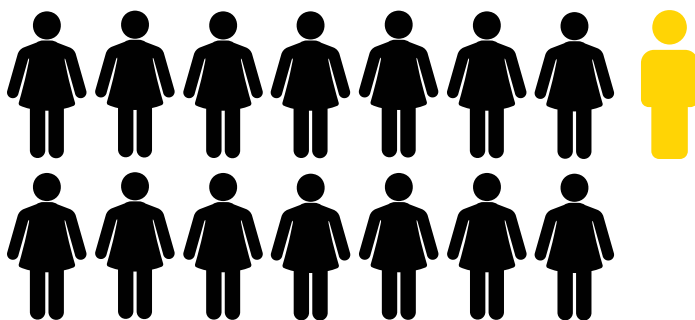
#INSTIGAR:

sempre um texto autoral nosso, um convite provocativo à reflexão

Se você começar a perceber “todo mundo” repetindo demais algo por aí, tome cuidado! Lembre-se do velho ditado que diz: “Escute sua mãe! Mãe sabe das coisas!”. Sim, ela está certa, não importa: “Você não é todo mundo”, mesmo. Ela sabe, e você também deveria. **Foi levando a cabo sentenças do tipo “A vida do outro não é da minha conta!”, negativamente falando, que a sociedade começou a perder o senso de comunidade**, um processo chamado de habituação, anestesiamento, alienação, dessensibilização prejudicial.

Somos ensinados desde muito cedo a ter cuidado no sentido de precaução, passiva ou ativamente, sobretudo no âmbito individual. Ser uma pessoa cuidadosa comumente remete à ideia de ter cautela e se resguardar. É também, mas não só. **Cuidado é necessidade, um direito fundamental, universal, que envolve trabalho cotidiano de produção de bens e serviços necessários à reprodução, sustentação da vida e garantia do bem-estar das pessoas.** Consegue perceber por que e como tem tudo a ver com governo?

Em um Brasil onde a principal categoria da estrutura de cuidado é a de trabalhadoras domésticas (25% do total, sendo 93% mulheres, 62% mulheres negras), continuar a tratar o assunto como tangente às questões por ele atravessadas diz muito sobre a intenção de contribuir, por ação ou omissão, com a composição social tal qual ela vem se mantendo.



No Brasil, das mulheres que trabalham, 14,5% ocupam postos de trabalho doméstico, contra apenas 1% dos homens

5 IGUALDADE DE GÊNERO



Além disso, a perpetuação do “quem ama cuida” quando estamos, ainda, em um contexto de rede de cuidado predominantemente feminina enquanto estrutura, em todos os níveis, suas extensões e desdobramentos, **não apenas impõe a divisão sexual do trabalho**, como mantém as desigualdades remuneratórias e de quantidade de horas trabalhadas, a condição de invisibilização, **deslegitimação da carga mental advinda da demanda extra do trabalho não remunerado**, além da atribuição da “função materno” como incumbência compulsória e inata da mulher, ainda que ela não opte pela maternidade. **Em algum momento da vida, recairá sobre ela a responsabilidade pelo cuidado de alguém, pois o mito do “dom natural” é um constructo social que fundamenta comportamentos e (des)legitima atitudes rotineiras:** por que, historicamente, os homens não são do cuidado? Por que o cuidado é visto como um “trabalho menor”, sendo que sem o seu exercício nada acontece?

Reconhecer que as diversas formas de cuidar estão para além do campo emocional, e não atreladas ao grau de sentimento/solidariedade e impacto afetivo sobre os que se envolvem (e conseqüentemente se responsabilizam), é mandatário, urgente, dever do Estado e de todos. Amor e cuidado podem andar juntos, mas não necessariamente. O **Rio Grande do Sul** tem sido um triste exemplo didático (da lacuna) de corresponsabilidade de todos. **A amplitude do alcance de diversos níveis, em diferentes frentes, de cuidados ali necessários explicita a urgência de revermos o conceito** para entender, antes tarde do que mais tarde ainda, que nossa percepção de estado e de prestação de serviços públicos precisa ser (re)orientada a partir dos desafios que nosso tempo nos impõe. **E não será possível enfrentá-los, de verdade – com atenção e intenção – sem (re)aprender a real dimensão do cuidar.**

Situações como a que o sul do país está vivenciando explicitam como uma sociedade enfrenta e interpreta a relação da dignidade humana com o cuidado. Mais de 90% das cidades do RS foram afetadas pelas enchentes, com conseqüências (não apenas prejuízos) inimagináveis, que se prolongarão no tempo e espaço, ainda que se queira, por ora, mensurar.





São milhões de pessoas, suas vidas, suas histórias, referências materiais, afetivas, laços com seus locais de origem, seus animais de estimação, trabalho, rotinas, necessidades...

São idosos* que resistiram aos resgates pois, para eles, significava deixarem seus últimos vínculos de uma vida que já aconteceu, e para os quais uma ideia de “recomeço” é fugidia. **Ao contrário dos que vislumbram, e viverão para ver e colher os frutos da reconstrução**, para outros, essa máxima não se aplica. **E não dá mais para pensar que essa tragédia é exclusividade deles: 80 milhões de brasileiros, em 1.942 municípios, vivem expostos a eventos climáticos extremos!**

A (re)produção de informações tende a ser reflexo imediato da forma como a sociedade entende responsabilidades, **em uma forma de espelhamento e propagação social de comportamentos**, seja na esfera pública ou privada. Talvez, historicamente, estivemos acostumados a repetir demais e refletir de menos. **Sair do “não é da minha conta” para “tratar os iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual, na medida das suas desigualdades”, requer esforço e intencionalidade.**

Cuidado é trabalho: envolve a sustentabilidade da vida, da economia e da sociedade, mas que, não raro, se perde pelo caminho ao ser pautado por critérios políticos, regionais, afetivos ou solidários, ou permanece assentado em recortes de gênero e voluntariado, assumindo caráter, muitas vezes, facultativo e transitório. Nesse sentido, **um avanço significativo foi a recente instituição da Política Nacional de Cuidados no Brasil, que reconhece o cuidado como direito, retirando sua dependência exclusiva do âmbito da provisão familiar.**

A mudança de cultura e conseqüente criação de novos cenários demanda participação ativa, sem a qual estaremos contribuindo para a perpetuação de um modelo de servidão e exploração, historicamente herdado, onde há um aprisionamento e desencadeamento de subordinações que culminam no **“giro geracional”: mulheres passam a “maternar” diferentes gerações dentro das famílias, em jornadas duplas e triplas**, retroalimentando a rede de cuidados e a estrutura da pirâmide social do trabalho não remunerado, seja pelas crenças, falta de opção e recursos, ou mesmo para a manutenção da pequena parcela daquelas que atingiram os níveis de poder no mercado de trabalho.

Cuidar não se resume a uma experiência entre pessoas: é também uma experiência entre direitos e responsabilidades. É por isso que todo cuidado é pouco. Os pilares da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável são **as pessoas, o planeta e a prosperidade**, o que significa que nosso caminho para evolução depende da indissociabilidade deles. **Quanto mais entendermos o cuidado como engrenagem de promoção de mudanças sistêmicas, amplas nesse sentido, mais próximos estaremos de promover algum nível de cuidado em sentido global, do meio ambiente, do outro, de si, além de políticas públicas específicas.**

O cuidar permeia toda nossa existência. Sob a perspectiva do cuidado, dar às pessoas o que elas precisam não é privilégio, é inovação, é alavanca de mudança de cultura e cenários possíveis para uma sociedade mais justa; é mais que necessário. **E isso só é possível com políticas públicas que realmente geram valor e impactam positivamente a vida das pessoas.**

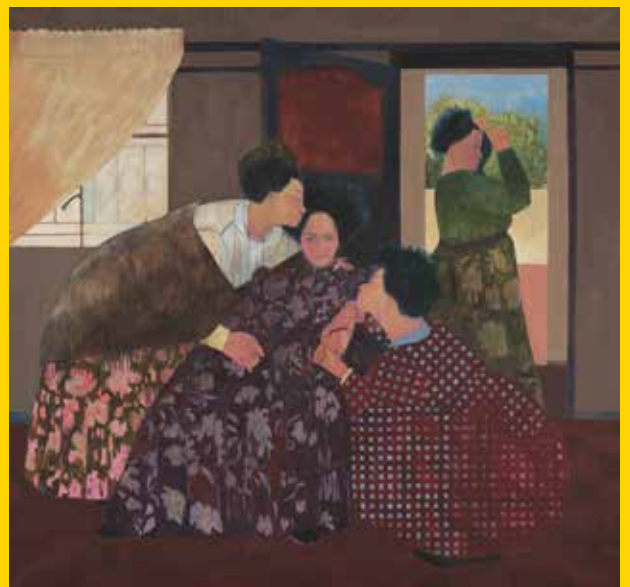
A dose de cuidado romântico que não podemos (nem devemos) dissociar, tampouco subtrair do “cuidar-trabalho”, é a da **sensibilidade que nos permite o pleno exercício da humanidade.** É olhar cuidadosamente para as necessidades e realidades diferentes, reconhecendo nas entrelinhas - e não apenas extrair friamente do que é instrumentalizado e executar -, os pressupostos para cumprir com ética e responsabilidade aquilo que extrapola crenças e julgamentos. **É fazer com esmero e delicadeza, enxergar outros mundos de possibilidades, mesmo quando, em tese, não houver mais nada a ser feito.** É entender que, muito antes de uma Política Nacional de Cuidados Paliativos, sempre existiu quem precisasse deles.

Já parou para pensar sobre quem cuida de você para você poder “só” ser você? Viver dá trabalho. Quem cuida da tua casa, da tua comida, das tuas roupas? Quem mantém as coisas funcionando para você poder fazer o que quiser? E você, cuida de quem?

A administração pública existe para servir, (quase) todo mundo adora dizer isso; mas quase ninguém entende que **servir é cuidar, e que não é possível servir quem a gente não conhece.** Tudo o que está acontecendo ao seu redor nada mais é que a vida acontecendo. **Não acaba quando termina, porque não termina.** Mesmo quando, tecnicamente, a vida cessa, não acaba, pois há os que ficam. **Enquanto há vida, há cuidado.** Continuamos por aqui e esse assunto é sobre isso. Empatia muda tudo; **então, todo cuidado é pouco, mesmo!**



Mabel Dwight, 1936



Pamela Phatsimo Sunstrum, 2022



Edmund Blair Leighton, 1895



Edvard Munch, 1907



Luke Fildes, 1891



Adolphe Bouguereau, 1878



Mary Cassatt, 1890



W. Eugene Smith, 1951

Retratos do cuidado, na arte, ao longo dos séculos, para repensarmos: qual cara queremos que o cuidado tenha, daqui em diante.

#IR ALÉM:

curadoria de conteúdo selecionado para você expandir seus horizontes

1

DOCUMENTÁRIO:

Quantos Dias, Quantas Noites

Novo documentário da Maria Farinha Filmes traz especialistas e pensadores que nos convidam a enxergar as oportunidades e as desigualdades no tema da longevidade, além da nossa própria conexão com o tempo e com a idade.



2

PODCAST:

InovaPod Extra #1

Episódio que abre a série especial que apresenta o tema da Semana de Inovação 2024: "Novas formas de cuidar". Márcia Tiburi e Cecília Sardenberg se debruçam sobre a ideia do cuidado, lançando luz sobre suas implicações nas esferas tanto política, quanto econômica e social.



3

DOCUMENTÁRIO E LIVRO:

Holocausto Brasileiro

Adaptação do livro homônimo, traz um dos capítulos mais trágicos e sombrios da história do Brasil: as condições desumanas a que eram submetidos os pacientes do que foi o maior hospício do Brasil, o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, conhecido como o Colônia.



4

VÍDEO:

Eu Te Vejo

"Sonder" é a compreensão de que há uma sinfonia na existência humana: milhões de histórias acontecendo ao mesmo tempo, umas em torno das outras, alheias e contidas umas nas outras. Todas complexas.



#PRA INSPIRAR:

aquela citação classuda para fazer pensar, curtir, gravar e compartilhar

“**Do fundo do meu coração, do mais profundo canto em meu interior, pro mundo em decomposição, escrevo como quem manda cartas de amor**

• *Emicida* •

#PRA DESOPILAR:

uns respiros, uns risos, uns encantos...

JÁ IMAGINOU?!

Um mundo onde as pessoas anseiem por conexão para o cuidado tanto quanto buscam se conectar às redes para tomar conta da vida do outro.



PeQuiLAB

Escola de Governo | SEAD
Laboratório de Inovação e Desenvolvimento de Pessoas
Telefone: (62) 3201-4525